



**PONTOS EM COMUM: HANNA LEVY-DEINHARD, MAX RAPHAEL E A SOCIOLOGIA DA ARTE**

**SHARED POINTS: HANNA LEVY-DEINHARD, MAX RAPHAEL AND THE SOCIOLOGY OF ART**

Daniela Pinheiro Machado Kern<sup>1</sup>  
PPGAV-UFRGS/CNPq  
Associado/a/e ANPAP: sim

**RESUMO**

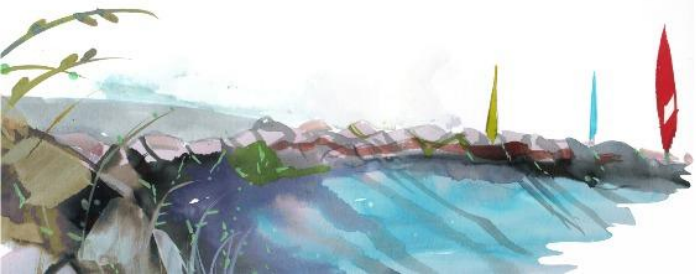
A presente comunicação propõe uma introdução à investigação, em seus aspectos constitutivos e filiações, da vertente da sociologia da arte proposta primeiro conjuntamente, e depois em separado, por Hanna Levy-Deinhard e Max Raphael a partir de 1937. Para tanto serão considerados o modo como ambos os autores procuram aliar, em seus trabalhos, a preocupação com o artista enquanto sujeito histórico e a análise concreta das obras em si, e ainda seu contato com outros pensadores (Henri Focillon, Charles Lalo, Lionello Venturi, Heinrich Wölfflin, para citar apenas alguns), suas vinculações institucionais e suas principais proposições teóricas acerca da sociologia da arte.

**Palavras-Chave:** Historiografia da arte. Sociologia da arte. Marxismo. Hanna Levy-Deinhard. Max Raphael.

**ABSTRACT**

This paper proposes an introduction to the investigation, in its constitutive aspects and affiliations, of the branch of the sociology of art first proposed jointly, and then separately, by Hanna Levy-Deinhard and Max Raphael since 1937. To this end, the way in which both authors seek to combine, in their works, the concern with the artist as a historical subject and the concrete analysis of the works themselves, as well as their contact with other thinkers (Henri Focillon, Charles Lalo, Lionello Venturi, Heinrich Wölfflin, to name just a few), their institutional affiliations, and their main theoretical propositions about the sociology of art will be considered.

**KEYWORDS:** *Art Historiography; Sociology of Art; Marxism; Hanna Levy-Deinhard; Max Raphael.*

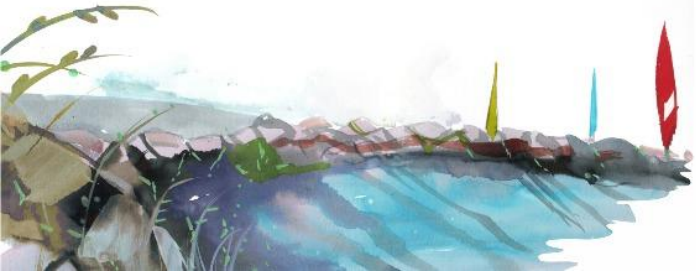


## **Velhos caminhos, novas descobertas**

Hanna Levy-Deinhard (1912-1984) é reconhecida há bastante tempo, no Brasil, como a autora de artigos seminais sobre a arte colonial brasileira, publicados na Revista do Serviço do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional. No entanto, até poucos anos atrás, pouco se sabia sobre sua biografia e sobre sua vida fora do Brasil, antes e depois de sua estadia aqui. Essa situação tem mudado nos últimos anos (Baumgarten, 2008; Nakamuta, 2010), também com o estímulo da pesquisa que vem sendo realizada na Alemanha por sua biógrafa, Irene Below (2016), responsável, juntamente com Burcu Drogamaci, professora e pesquisadora da Ludwig-Maximilians-Universidade de Munique, por organizar e publicar em 2016 o volume *Kunst und Gesellschaft zwischen den Kulturen: Die Kunsthistorikerin Hanna Levy-Deinhard im Exil und ihre Aktualität heute*, parte da coleção *Frauen und Exil*, da *edition text + kritik*, de Munique, o primeiro estudo alentado da vida e da obra de Hanna Levy-Deinhard. Neste livro há apenas um artigo dedicado especificamente ao período parisiense de Hanna Levy-Deinhard, o de Nicos Hadjinicolaou (2016), intitulado “Hanna Levy-Deinhard in Paris”. Assim sendo, ainda resta pouco esclarecido o desenvolvimento teórico e intelectual durante os anos de estudo do doutorado em Paris (Levy, 1936), sobretudo o contato com aqueles autores que serão mencionados e/ou analisados nos primeiros textos seus publicados no Brasil, a saber, Henri Focillon (2001), Max Raphael (1933), Lionello Venturi (2007), Charles Lalo (1939), Leo Balet (1973) e Heinrich Wölfflin (2000).

## **Hanna Levy-Deinhard e Max Raphael**

Um dos caminhos para lançarmos luz ao período francês da formação intelectual de Hanna Levy-Deinhard é, pois, justamente nos aprofundarmos na investigação da orientação informal que Hanna Levy-Deinhard recebeu, em Paris, na mesma época, de um pensador independente, o historiador da arte Max Raphael (1889-1952), refugiado do nazismo como ela, judeu e, como Walter Benjamin, Siegfried Kracauer (com quem Hanna Levy-Deinhard se correspondeu) e Carl Einstein, um dos *outsiders* da

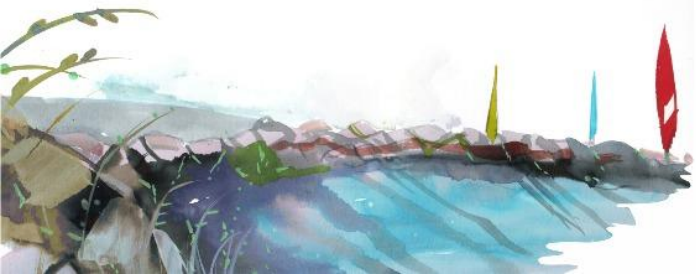


# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Universidade de Berlim, conforme a expressão cunhada por Diers (2010). Max Raphael era marxista, mas seria incorreto dizer que iniciou Hanna Levy-Deinhard no marxismo. Foi localizado na *Deutsche Nationalbibliothek* um artigo de Hanna Levy-Deinhard até então desconhecido, *Kapitalismus und kunstgeschichtliche Betrachtungsweise* [*Capitalismo e a perspectiva da História da Arte*], que ela publica logo que se muda para Paris, em abril de 1933, e que parece indicar que ela já chega à França, onde conhece Raphael, com um posicionamento marxista estabelecido. De todo modo, fora da Sorbonne assume a posição de pupila de Max Raphael, de parceira na elaboração de uma nova disciplina, a da Sociologia da Arte, não é improvável que tenha acompanhado alguns dos cursos de história da arte que ministrou no ateliê do arquiteto (também marxista) André Lurçat, responsável pelo projeto, em Villejuif, nos arredores de Paris, do Groupe Scolaire de l'Avenue Karl Marx. Raphael também conhecia Leo Balet, sobre cujo livro *Die Verbürgerlichung der deutschen Kunst, Literatur und Musik im 18. Jahrhundert* escreveu uma resenha nunca publicada (Frank, 1990).

Hanna Levy-Deinhard e Max Raphael possuem em comum, além disso, mais do que o interesse pela sociologia da arte. Ambos eram judeus, socialistas, perseguidos por sua religião e posição política, e forçados a viver no exílio. As condições adversas de vida (Hanna Levy-Deinhard não raro mantinha vários empregos para se sustentar, o que deixava pouco tempo para redigir o tão sonhado livro sobre sociologia da arte, que vai aparecer enfim apenas em 1967; Max Raphael não conseguia emprego e trabalhava em casa) se por um lado não impediram que ambos levassem a cabo suas obras, suas reflexões teóricas, por outro lado influenciaram em sua inserção no mundo acadêmico da história da arte, impactaram sua recepção e, logo, seu reconhecimento. Hanna Levy-Deinhard, por exemplo, foi colega de André Chastel (ambos nasceram no mesmo ano, 1912) e tiveram à mesma época o mesmo orientador de doutorado, Henri Focillon. Hanna teve de recomeçar a vida em outro país devido à guerra, e conseguiu um cargo de professora universitária apenas na década de 1970, nos Estados Unidos. Chastel participou da guerra como soldado, foi preso e conseguiu recomeçar a vida na França. Tornou-se professor da Sorbonne em 1955 e do Collège de France em 1970. Chastel,

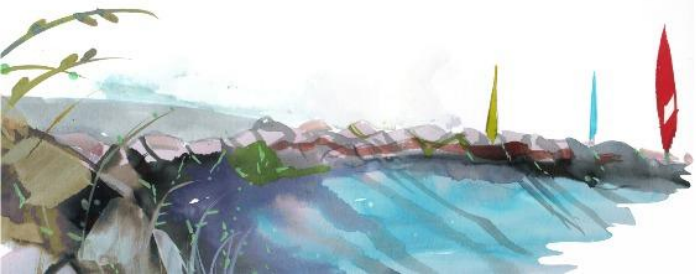


em sua longa e brilhante carreira, dispôs de condições de trabalho próximas às ideais, aproximou-se do Instituto Warburg e especializou-se no estudo do Renascimento, um caso exemplar de intelectual integrado e bem-sucedido. Já Hanna Levy-Deinhard tinha contra si, como encontramos em documentação existente sobre ela nos Estados Unidos, o fato de ser estrangeira, a opção política (perdeu um emprego como professora nos anos 1960 por desconfiança às suas ideias políticas) e a eleição da sociologia da arte como foco. Max Raphael, por sua vez, era considerado nos Estados Unidos pelo próprio Max Horkheimer, que mais de uma vez tentou ajudá-lo, como “inempregável” (Heinrichs, 1989), devido à sua posição comunista. Trazemos esses dados biográficos para ressaltar a necessidade de se resgatar teorias que, por motivos adversos, não foram amplamente absorvidas, institucionalmente, até o presente momento. Hanna Levy-Deinhard é lembrada nos Estados Unidos por seu livro de sociologia da arte, e chega a ser mencionada na obra *The Left Academy: Marxist scholarship on american campuses v. II*, organizada por Bertell Ollman e Edward Vernoff (1984), bem como Max Raphael. No caso deste último, especificamente, vale ressaltar que, se para os marxistas suas obras são demasiadamente concentradas na análise formal, para historiadores da arte mais tradicionais como Germain Bazin (1989), em *História da História da Arte*, são desorientadas pela dialética marxista.

### **Uma nova sociologia da arte**

Em agosto de 1937, pouco antes de se transferir para o Brasil com a ajuda de Max Horkheimer e Friedrich Pollock e desembarcar no Rio de Janeiro, em 17 de setembro, no vapor Siqueira Campos, Hanna Levy-Deinhard apresentou no Deuxième Congrès International d'Esthétique et de Science de l'art, em Paris, a comunicação *Sur la nécessité d'une sociologie de l'art*, escrita a quatro mãos com Max Raphael. Neste texto estão sob ataque as teorias idealistas que embasavam então boa parte da historiografia da arte, sendo a de Wölfflin, estudada por Hanna Levy-Deinhard em sua tese de doutorado, o caso mais notório:

Todas as teorias idealistas da arte, e mais particularmente a escola



# extremos

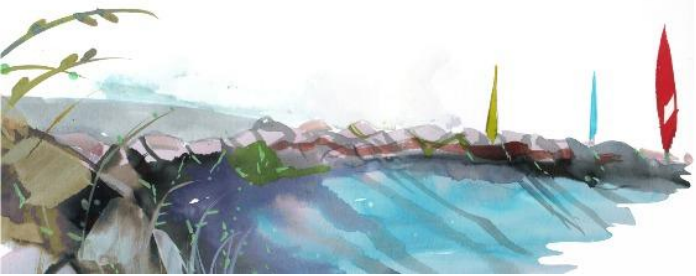
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

da história imanente da arte, se mostraram incapazes de estabelecer uma relação real entre a arte, sua história e a história geral. Devido a isso, essas teorias se encontraram impossibilitadas de mostrar que a história da arte é uma parte específica da história geral por não considerarem nem o caráter da arte, nem os fatos históricos (Levy, 1937, p. 342).

Como Hanna Levy-Deinhard e Max Raphael se conheceram enquanto estavam em Paris como refugiados ainda não está claro. Fato é que nesse período parisiense, pelo menos entre 1933-34 e 1936 parecem ter tido uma convivência muito próxima. Hanna Levy-Deinhard e Max Raphael vinham trabalhando juntos, portanto, há alguns anos, e concordavam com a necessidade de reescrever a história da arte a partir de uma perspectiva sociológica e materialista, embasada no pensamento marxista. Isso significaria abordar todos os períodos da história da arte, tarefa à qual Max Raphael iria se dedicar até o final da vida. Essa amplitude de interesse do projeto que compartilhavam já se depreende da comunicação de 1937:

Uma tal análise mostra, além do mais, que existem tipos de artistas relativamente constantes em quase todas as épocas da história da arte. Trata-se, então, de estabelecer uma tipologia que permita captar o essencial da criação artística e suas diferentes formas concretas, e de perseguir esses diferentes tipos no corte longitudinal da história (Levy, 1937, p. 344-45).

Essa visão geral é o resultado de anos de pesquisa empírica de Max Raphael na Alemanha, na Suíça e na França, da preparação de aulas para seus alunos e das discussões que surgiram, e ainda da pesquisa de doutorado de Hanna Levy-Deinhard, sobre Wölfflin, defendida na Sorbonne em 1936. A História da Arte tal qual praticada por Wölfflin é o oposto da Sociologia da Arte imaginada por Raphael e Levy-Deinhard, uma vez que na prática desconsidera contextos históricos e estruturas sociais quando analisa obras de arte. Em oposição a uma obra que parece independe do artista, tal como a que se delineia em Wölfflin, Raphael e Levy-Deinhard reforçam a necessidade de atentar ao artista como indivíduo histórico: “O método do materialismo dialético permite precisamente reconhecer as ações e reações individuais dos artistas sobre a época determinada que os condiciona” (Levy, 1937, p. 344). A preocupação com a



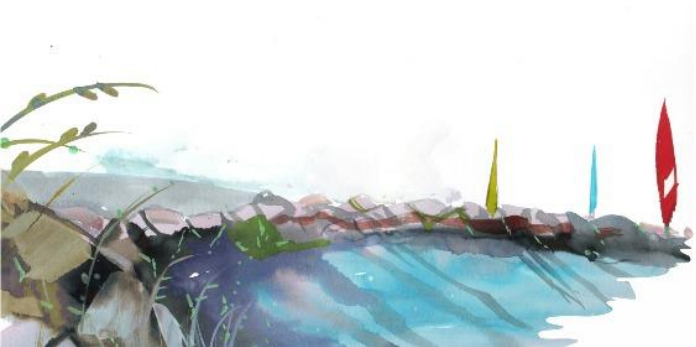
# extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

individualidade do artista irá aparecer mesmo em temas em que é difícil de reconhecer, como é o caso da arte paleolítica, estudada por Raphael a partir do final dos anos 1930.

Para a melhor compreensão do trabalho que Hanna Levy-Deinhard iria realizar no Brasil entre 1937 e 1947, e em especial para o estudo do primeiro artigo que publica na Revista do SPHAN, a saber, *Valor artístico e valor histórico: importante problema da História da Arte* (1940), mostra-se fundamental o mapeamento das discussões teóricas a que esteve exposta na Paris dos anos 30, tanto na Sorbonne quanto fora dela. Em *Valor artístico e valor histórico* Hanna Levy-Deinhard sem dúvida repercute os debates sobre valor e método da arte que acompanhou de perto enquanto aluna de doutorado na Sorbonne.

É importante ressaltar que, no período em que discutiam as primeiras ideias sobre Sociologia da Arte, Hanna Levy-Deinhard e Max Raphael conviviam com um grupo de historiadores da arte (Focillon, Lalo, professores da instituição, e Lionello Venturi, palestrante eventual) que estava em meio a entusiasmadas discussões sobre questões de valor, sobre o método da história da arte e sobre a necessidade de criação de uma “ciência da arte”. Tais discussões se materializavam especialmente em duas publicações pelas quais eram em parte responsáveis: o *Bulletin de l’Office International des Instituts d’Archéologie et d’Histoire de l’Art*, que teve 10 edições entre 1935 e 1937, e a *Revue d’Art et d’Esthétique*, cujo primeiro volume aparece em Paris, em 1935. Focillon era diretamente responsável pelo *Bulletin*, que passa a contar, ainda em 1935, com uma sessão intitulada *Les Problèmes et les Méthodes* (Ducci, 2014). Um dos temas ali debatido foi o do método em história da arte, que haveria de interessar a Hanna Levy-Deinhard e Max Raphael ao longo de suas carreiras, e um dos debatedores mais animados era Lionello Venturi, que estava prestes a publicar o livro que se tornaria um clássico, *História da crítica de arte*. Do conselho editorial da *Revue d’Art et d’Esthétique* faziam parte, entre outros, também Focillon, Lalo e Lionello Venturi. Neste primeiro volume há artigos de Focillon (*Vie des formes*), Venturi (*Théorie et Histoire de la Critique d’Art*) e Lalo (*Les variations du goût et la Sociologie*, e também uma resenha sobre o livro de Max Raphael, *Proudhon, Marx,*



# extremos

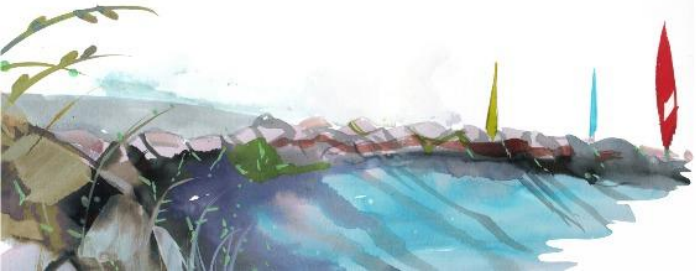
34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

*Picasso. Trois études sur la sociologie de l'art*). Os mesmos intelectuais que fazem parte do Conselho Editorial da revista serão igualmente os responsáveis pela organização do *Deuxième Congrès International d'Esthétique et de Science de l'art*, que ocorre em Paris, em 1937, do qual participam Hanna Levy-Deinhard, com a já mencionada comunicação *Sur la nécessité d'une sociologie de l'art*, escrita a quatro mãos com Max Raphael, e Leo Balet, que passou o ano de 1937 como professor convidado na Sorbonne.

No que diz respeito a Max Raphael, antes de passar para sua fortuna crítica é importante traçar um breve resumo de sua carreira. Quando começa a dar aulas na Volkshochschule Gross-Berlim, em 1924, o jovem Max Raphael já tinha experiência como crítico de arte. Além de ter escrito dois livros, *Von Monet zu Picasso. Grundzüge einer Ästhetik und Entwicklung der modernen Malerei* (1913, que finalmente foi publicado na França) e *Idee und Gestalt. Ein Führer zum Wesen der Kunst* (1921), havia assistido aulas em Berlim com Simmel e Wölfflin e em Paris com Bergson e Mâle e escrito diversos textos sobre arte moderna, em especial sobre o Expressionismo, em vários periódicos.

Em 1933 Max Raphael já está exilado em Paris, pois tivera de deixar a Alemanha em função do nazismo. Em meio à publicação, com a ajuda de amigos, de seu livro *Proudhon, Marx, Picasso: Trois études sur la sociologie de l'art*, é convidado, por André Lurçat, a ministrar conferências periódicas a seus estudantes de arquitetura. André Lurçat é o arquiteto responsável pelo inovador Grupo escolar Karl Marx, em Villejuif, nos arredores de Paris, e no livro que dedicou ao projeto, *Groupe scolaire de l'Avenue Karl Marx à Villejuif*, Max Raphael colaborou com o texto "Introduction à une architecture en béton armé". Sobre essa série de conferências podemos ter uma ideia mais nítida, uma vez que o livro que Max Raphael escreve entre 1936 e 1939, *Arbeiter, Kunst und Künstler*, é nelas baseado.

Max Raphael, nas últimas décadas, tem tido parte de sua obra inédita publicada, analisada e discutida outra vez (cabe lembrar a já mencionada edição da Suhrkamp, edição crítica organizada por Hans- Jürgen Heinrichs, bem como o site acadêmico



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

holandês The Max Raphael Project, mantido por Patrick Healy, Jules Schoonman, e Gijs van Koningsveld, e importante divulgador de traduções e de resenhas sobre a obra desse autor), e é uma fonte particularmente interessante para se pensar como poderia funcionar a ideia do homem novo, aquele que irá viver em um mundo socialista, quando aplicada aos domínios da história da arte, ou, como queria Raphael, da sociologia da arte. Longe de apenas conduzir um trabalho teórico, Max Raphael, atuando junto a centenas de alunos adultos e em geral trabalhadores, em diferentes países, ali encontrava sua ação política, de campo, a ação de “despertar” as pessoas para um universo de arte em que os valores, todos eles, são construídos, e não encontrados. Citado por Benjamin, comentado por John Berger, lido por Guy Debord, Max Raphael é um autor importante e ainda pouco conhecido no Brasil, um pensador original sobre a história da arte, uma peça fundamental para se compreender o pensamento sobre arte de Hanna Lévy-Deinhard, ela sim, como sabemos, conectada à história da arte no Brasil por profundas raízes. Estudá-los juntos, portanto, possibilita um olhar novo sobre uma ainda pouco explorada vertente da sociologia da arte do século XX.

## Referências

BALET, Leo; GERHARD, E. Die Verbürgerlichung der deutschen Kunst, Literatur und Musik im 18. Jahrhundert. Frankfurt: Ullstein, 1973.

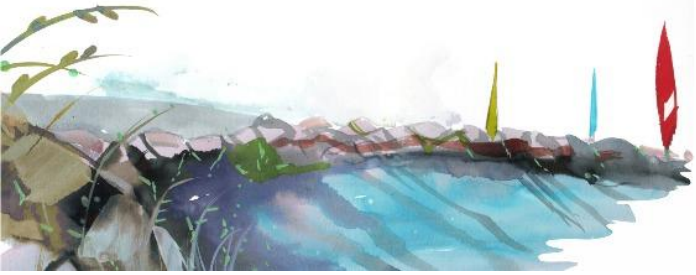
BAUMGARTEN, Jens. A historiadora da arte Hanna Levy: o barroco, o exílio e uma história da arte mundial. Revista Tempo Brasileiro, n. 174, p. 47-61, jul.-set. 2008.

BAZIN, Germain. História da História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BELOW, Irene; DROGAMACI, Burcu (orgs.). Kunst und Gesellschaft zwischen den Kulturen: Die Kunsthistorikerin Hanna Levy-Deinhard im Exil und ihre Aktualität heute. München: edition text + kritik, 2016.

DIERS, Michael. Bande à part. Die Aussenseite(r) der Kunstgeschichte: Georg Simmel, Carl Einstein, Siegfried Kracauer, Max Raphael, Walter Benjamin und Rudolf Arnheim. In: BREDEKAMP, Horst; LABUDA, Adam S. (orgs.). In der Mitte Berlins: 200 Jahre Kunstgeschichte an der Humboldt-Universität. Berlin: Gebr. Mann Verlag, 2010. p. 273-292.

DUCCI, Annamaria. Il «Bulletin de l'Office International des Instituts d'Archéologie et d'Histoire



de l'Art» e il dibattito per una moderna storia dell'arte alla Società delle Nazioni. Studi di Memofonte, n. 13, p. 156-174, 2014.

FOCILLON, Henri. A vida das formas. Lisboa: Edições 70, 2001.

FRANK, Tanja. Max Raphael zu Leo Balet: Methodenästhetik oder synthetische Kunstwissenschaft. Bildende Kunst n. 1, Berlin, p. 56-60, 1990.

HADJINICOLAOU, Nicos. Hanna Levy-Deinhard in Paris. In: BELOW, Irene; DROGAMACI, Burcu (orgs.). Kunst und Gesellschaft zwischen den Kulturen: Die Kunsthistorikerin Hanna Levy-Deinhard im Exil und ihre Aktualität heute. München: edition text + kritik, 2016, p. 69-89.

HEINRICHS, Hans-Jürgen. Einleitung. In: \_\_\_\_\_. Max Raphael: Lebens – Erinnerungen. Briefe. Tagesbücher. Skirzen. Essays. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1989, p. 7-43.

LALO, Charles. Hanna Lévy. Henri Wölfflin. Sa Théorie. Ses prédécesseurs. Revue Philosophique de la France et de l'Étranger, t. 127, n.1/2, p.73-74, Janv.-Févr. 1939.

LEVY, Hanna. Henri Wölfflin. Sa théorie. Sés prédécesseurs. Rottweil: Rothschild, 1936.

LEVY, Hanna. Kapitalismus und kunstgeschichtliche Betrachtungsweise. Das blaue Heft, Bd. 12, n. 22, p. 699, 15.06.1933.

LEVY, Hanna. Sur la nécessité d'une sociologie de l'art. Actes du Deuxième Congrès International d'Esthétique et de Science de l'art. Paris, p. 342-345, 1937.

LEVY, Hanna. Valor artístico e valor histórico: importante problema da História da Arte. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional n. 4. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, p. 181-192, 1940.

NAKAMUTA, Adriana Sanajotti (org.). Hanna Levy no SPHAN: história da arte e patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN/DAF/Cepedoc, 2010. (Série Pesquisa e Documentação do IPHAN, 5)

OLLMAN, Bertell; VERNOFF, Edward. The Left Academy: Marxist Scholarship on American Campuses, v. 2. New York: McGraw-Hill Book Company, 1984.

RAPHAEL, Max. Proudhon, Marx, Picasso. Trois études sur la sociologie de l'art. Paris: Éditions Excelsior, 1933.

Revue d'Art et d'Esthétique, v. I, n. I et II, Paris, Juin 1935.

VENTURI, Lionello. História da crítica de arte. Lisboa: Edições 70, 2007.

WÖLFFLIN, Heinrich. Conceitos fundamentais da História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

---

<sup>1</sup> Daniela Pinheiro Machado Kern é professora associada do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. É líder do grupo de pesquisa CNPq Arte e Historiografia e pesquisadora do grupo de pesquisa CNPq Lab HABA.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7767171140617889>  
Orchid: <https://orcid.org/0000-0001-8292-946X>